

Jornal da Tarde

14/1/1985

Usinas: pacto social não vai fazer milagres.

Willes Banks, da Usina Santa Lydia, fala sobre a greve e os problemas que Tancredo Neves enfrentará quando assumir.

Durante toda a semana, na greve dos bóias-frias da região de Ribeirão Preto, o mais difícil para a imprensa foi conseguir ouvir um dos lados envolvidos na história: o dos usineiros. Como em outras ocasiões, eles se mantiveram fechados, mas o Jornal da Tarde conseguiu entrevistar o diretor-superintendente da Usina Santa Lydia, Willes Banks Leite, que falou sobre as posições do grupo de empresas do setor em relação ao Colégio Eleitoral, pacto social e sobre a greve em si. Foi ele, inclusive, quem informou que a Federação da Agricultura no Estado de São Paulo só se sentaria à mesa de negociações com a Federação dos Trabalhadores se a greve cessasse.

Nessa oportunidade, Willes Banks Leite foi incisivo ao dizer e os empresários não são contra a greve, "entendendo-a como direito líquido e certo, desde que respeitado o direito também líquido e certo de quem quer trabalhar e está sendo impedido". Ele informou que a Usina Santa Lydia vem funcionando quase normalmente, pois apenas duas turmas de Sertãozinho e Barrinha não estão comparecendo ao trabalho, por causa do piquete e, que diante tal quadro, esses empregados terão seus salários garantidos integralmente.

Entendendo que a origem da paralisação não está nos trabalhadores da região de Guariba, mas nos problemas políticos envolvendo CUT, Conclat e os partidos políticos, Banks Leite disse que a paralisação, mesmo na entressafra, resulta em prejuízos para as usinas:

— E difícil quantificar esse prejuízo, mas temos já um pequeno atraso na atividade industrial, descontrolando o cronograma geral de trabalho.

Segundo Banks Leite, levantamento efetuado pelo grupo de empresas do setor, usina por usina, de toda a 6ª Região Administrativa do Estado, apontou um total de duas mil pessoas desempregadas. Esse número contrasta com o da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo, que aponta 917 desempregados só nas Usinas Santa Adélia e São Carlos, de Jaboticabal.

Colégio Eleitoral

No entender do superintendente da Santa Lydia, o episódio originado em Guariba não vai ter nenhuma influência na eleição do futuro presidente, "porque os números já estão definidos a favor do candidato Tancredo Neves". Ele vê apenas "a diminuição do brilho de tão importante momento histórico", mas espera que o setor açucareiro e alcooleiro seja chamado pelo novo governo para participar da formulação do pacto social.

Banks Leite alerta, entretanto, que o povo brasileiro, "perto de conseguir sua liberdade, não espere o pacto social como tábua de salvação porque a situação financeira do País é extremamente delicada e não comporta a expectativa de milagres". Por isso, ele sugere que todos se conscientizem clara e profundamente dos problemas e possibilidade de participação de cada um:

— A solução está no esforço comum de todos para a obtenção de um conceito de moralidade, até hoje inexistente em nosso país.

Ele chama para esse esforço conjunto em razão das dificuldades recentemente enfrentadas pelo setor, quando chamado a participar do levantamento das perspectivas de emprego no período da entressafra pelo governo do Estado:

— Inicialmente, a comissão apresentou a possibilidade de 1.200.000 trabalhadores rurais desempregados em todo o Estado, número depois reduzido para 700 mil, mas os nossos cálculos indicam, com margem de segurança, 250 mil cortadores de cana sem trabalho, além de 60 mil trabalhadores de outras áreas.

O fato de muitos bóias-frias estarem reclamando que os usineiros não estão respeitando o acordo firmado em 1984 para o pagamento de diárias de Cr\$ 10 mil — alguns recebem Cr\$ 6.500 — foi explicado por Banks Leite:

— Nós sabíamos, desde o ano passado, que os fornecedores de cana não teriam condições de cumpri-lo. Mas eu posso garantir que todas as usinas o estão cumprindo e isso pode ser verificado nos arquivos da Delegacia do Ministério do Trabalho, em Ribeirão Preto.

Além de estar cumprindo o acordo, Banks Leite ressalta que a Santa Lydia e outras usinas estão preparando programas de assistência médico-odontológica para os cortadores de cana e seus familiares, além de já fornecerem lanches nos campos de trabalho.

— Dentro de três meses estaremos distribuindo a bóia-quente, acompanhada de leite de soja, para todos os cortadores de cana por nós empregados, alimentação que será idêntica à fornecida aos funcionários administrativos da empresa.

Celso Falaschi, enviado especial.

(Página 15)